

“UMA REVOLUÇÃO INTERNA EM MOVIMENTO” – AS OCUPAÇÕES ESTUDANTIS NO PARANÁ: DOS PROCESSOS FORMATIVOS ÀS TRAJETÓRIAS PÓS-OCUPAÇÕES

Ana Luísa Fayet Sallas¹
Simone de Fátima Flach²
Suely Aparecida Martins³
Luis Antonio Groppo⁴

RESUMO

A partir de análise de entrevistas com estudantes que participaram do movimento de ocupações de escolas em 2016 no estado do Paraná, nosso objetivo é apresentar os processos formativos realizados durante o período em que as escolas paranaenses foram ocupadas, bem como as trajetórias individuais dos estudantes no período pós-ocupações. Para tanto, apresentamos contextualização do maior movimento de ocupações estudantis já ocorrido no Brasil, discussões teóricas sobre processos formativos, as principais ações empreendidas pelos estudantes, e o quanto eles foram afetados por terem participado do movimento. As análises indicam a importância daquela experiência vivida na construção de suas trajetórias, em especial na continuidade de sua formação ao adentrarem no ensino superior, mas também em relação ao engajamento político, tanto de forma direta quanto indireta, revelando as múltiplas dimensões de suas constituições como sujeitos políticos.

PALAVRAS-CHAVE

Jovens-estudantes; Ocupações 2016; Práticas formativas; Ativismo político.

"AN INTERNAL REVOLUTION IN MOTION" – VIEWS ON STUDENT OCCUPATIONS IN PARANÁ: FROM FORMATION PROCESSES TO POST-OCCUPATION TRAJECTORIES

ABSTRACT

Based on the analysis of interviews with students who participated in the school occupation movement in 2016 in the state of Paraná, the aims to present the training processes carried out during the period in which the Paraná schools were occupied, as well as the individual trajectories of students in the post-occupation period. To this end, we present contextualization of the largest movement of student occupations ever occurred in Paraná,

¹ Pós-Doutorado em Sociologia no Colégio do México. Doutora em História (UFPR), Professora Titular do Programa de Pós-graduação em Sociologia/UFPR e do PROFSOCIO - Rede Nacional. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Imagem e Conhecimento (CNPq). analuisasallas@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Docente do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG. eflach@uol.com.br

³ Doutora em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) campus Francisco Beltrão. Membro do Grupo de Pesquisa Sociedade, Trabalho e Educação (GESTE – UNIOESTE). martins_sue@hotmail.com

⁴ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Coordenador do Grupo de Trabalho 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (GT03 - ANPEd). luis.groppo@unifal-mg.edu.br

theoretical discussions about training processes, their relationship with the reality lived within the movement. The analyzes indicate the importance of that experience lived in the construction of their trajectories, especially in the continuity of their formation when entering higher education, but also in relation to political engagement, both directly and indirectly, revealing the multiple dimensions of their constitutions as political subjects.

KEYWORDS

Young students; Occupations 2016; Training practices; Political activism.

“UNE RÉVOLUTION INTERNE EN MOUVEMENT” – REGARDE LES OCCUPATION ÉTUDIANTS AU PARANÁ: DES PROCESSUS DE FORMATION AUX TRAJECTOIRES POS-OCCUPATION

RÉSUMÉ

Sur la base de l'analyse des entretiens avec des élèves ayant participé au mouvement d'occupation scolaire en 2016 dans l'état du Paraná, ce texte vise à présenter les processus de formation menés pendant la période d'occupation des écoles du Paraná, ainsi que les trajectoires individuelles. d'étudiants dans la période post-occupation. À cette fin, nous présentons la contextualisation du plus grand mouvement de professions étudiantes jamais eu lieu au Paraná, des discussions théoriques sur les processus de formation, leur rapport à la réalité vécu au sein du mouvement. Les analyses indiquent l'importance de cette expérience vécue dans la construction de leurs trajectoires, notamment dans la continuité de leur formation à l'entrée dans l'enseignement supérieur, mais aussi en relation avec l'engagement politique, à la fois directement et indirectement, révélant les multiples dimensions de leurs constitutions comme politiques sujets.

MOTS CLÉS

Jeunes étudiants; Métiers 2016; Pratiques de formation; Activisme politique.

“UNA REVOLUCIÓN INTERNA EN MOVIMIENTO” – MIRADAS DE LAS OCUPACIONES DE ESTUDIANTES EN PARANÁ: DESDE LOS PROCESOS DE FORMACIÓN A LAS TRAYECTORIAS POST-OCUPACIÓN

RESUMEN

A partir del análisis de entrevistas a estudiantes que participaron en el movimiento de ocupación escolar en 2016 en el estado de Paraná, tiene como objetivo presentar los procesos de formación realizados durante el período en que se ocuparon las escuelas de Paraná, así como las trayectorias individuales. de estudiantes en el período posterior a la ocupación. Para ello, presentamos la contextualización del mayor movimiento de ocupaciones estudiantiles jamás ocurrido en Paraná, discusiones teóricas sobre los procesos de formación, su relación con realidad vivida dentro del movimiento. Los análisis señalan la importancia de esa experiencia vivida en la construcción de sus trayectorias, especialmente en la continuidad de su formación al ingresar a la educación superior, pero también en relación al compromiso político, tanto de forma directa como indirecta, revelando las múltiples dimensiones de sus constituciones como sujetos políticos.

PALABRAS CLAVE

Jóvenes estudiantes; Ocupaciones 2016; Prácticas formativas; Activismo político.

INTRODUÇÃO

Em 2016 ocorreu o maior processo de insurreição de jovens estudantes no estado do Paraná. Essa insurreição foi motivada por uma série de fatores, especialmente o contexto político-educacional do estado, marcado por ações neoliberais que, com a justificativa de ajuste fiscal e reorganização da máquina pública, vinha solapando direitos de servidores públicos, pautando ações de fechamento de turmas e escolas, colaborando para que a oferta educacional se tornasse ainda mais precária. No contexto estadual, o episódio conhecido como “Massacre de 29 de abril”, ocorrido em 2015, expôs de forma inequívoca a relação do Governo do Estado com os profissionais da educação, quando, sob a autorização governamental, centenas de servidores estaduais, majoritariamente profissionais da educação, foram agredidos violentamente em manifestação contra medidas de ajustes na Previdência do estado. A memória do Massacre ainda era bastante presente em 2016, contribuindo para uma grande insatisfação em relação aos caminhos traçados pela política educacional paranaense.

Além disso, após o processo de impeachment de Dilma Rousseff, que levou ao poder o vice-presidente da República, Michel Temer, algumas ações do governo federal fomentaram o debate em torno da educação e da escola. Dentre essas ações destacam-se a Medida Provisória nº 746/2016 (posteriormente transformada na Lei 13.415/17), que propunha uma reforma para a oferta do Ensino Médio, e a Proposta de Emenda Constitucional nº 241/2016 (posteriormente transformada na Emenda Constitucional nº 95/2016) que congelou os gastos públicos por 20 anos. Tais propostas governamentais fomentaram o debate e a insatisfação da sociedade, especialmente daqueles grupos vinculados de alguma maneira à educação. Os estudantes não ficaram avessos a essa realidade e mostraram sua capacidade de organização ocupando 850 escolas, 14 instituições públicas de ensino superior e 03 Núcleos Regionais de Ensino entre outubro e novembro de 2016 (BOUTIN; FLACH, 2019). Em contexto nacional, nesse mesmo período foram ocupadas 1.197 instituições de ensino em pelo menos 22 estados brasileiros.

A forma de organização dos estudantes no interior das escolas ocorreu de diferentes maneiras, mas, mesmo tendo recebido auxílio de pais, professores e comunidade em geral, em todas as escolas ocupadas o protagonismo juvenil se fez presente. As ações empreendidas visaram a manutenção das ocupações, a conquista de apoio da comunidade por meio do esclarecimento sobre as causas, motivações e possíveis consequências das decisões tomadas, além de colaborar para a formação individual e coletiva dos estudantes. Além disso, as experiências vividas pelos estudantes contribuíram para suas escolhas futuras, definindo suas trajetórias pós-ocupações.

No intuito de contribuir para o conhecimento sobre essa ação coletiva, apresentamos algumas discussões sobre os processos formativos ocorridos no interior das escolas e como estes contribuíram para as trajetórias individuais dos jovens envolvidos nas ocupações e entrevistados no contexto de pesquisa nacional, desenvolvida por pesquisadores de diferentes instituições de ensino superior do país, que tem o foco nas experiências de estudantes que ocuparam suas escolas nos movimentos de 2015 e 2016⁵.

Conceito central da pesquisa é o de subjetivação política de Jacques Rancière (1996), que permite a compreensão da formação como sujeitos políticos de adolescentes e jovens, um processo multifacetado que envolve relações de construção e autoconstrução na interação com o mundo adulto.

A própria juventude é concebida como mais do que uma categoria etária, socialmente determinada, com funções esperadas de integração à sociedade estabelecida, por meio de processos de socialização. Ela é considerada também como a possibilidade de sujeitos pensarem e experimentarem formas alternativas de viver sua própria condição juvenil, por vezes resistindo aos padrões sociais existentes (GROPPO; SILVEIRA, 2020). De membros de uma categoria etária, jovens podem se tornar sujeitos políticos, no sentido dado por Rancière (1996). É notável pensar no lugar que a juventude tem ocupado no interior dos movimentos políticos contemporâneos, conforme destaca Mellucci (2001), ao apontar o papel que os jovens desempenham como sujeitos de direito e como sujeitos políticos, em especial quando passam a atuar de forma imaginativa e criativa ao se contraporem às formas de ação política tradicional, construindo outras relações com o Estado e as estruturas sociais.

A partir da observação de Pierre Bourdieu (1983, p. 112) - “ (...) a juventude é apenas uma palavra (...)”- Reguillo (2013) vai considerar que a juventude é uma categoria socialmente construída e, como toda categoria social, não é neutra e nem se refere a essências. As categorias são produtivas, fazem coisas e são situadas histórica e culturalmente. E, ainda com base nas ideias de Bourdieu, Reguillo (2013) vai lembrar da necessidade de fazermos um duplo movimento: primeiro, realizar a história cultural da juventude, entendendo as relações de forças as quais os jovens estão imersos, os localizando no interior de processos históricos situados; e, em segundo lugar, efetuar a análise empírica das identidades juvenis (REGUILLO, 2013, p. 40).

Dentro deste escopo, desenvolvemos uma pesquisa de base qualitativa, com a realização de entrevistas semiestruturadas, procurando enfocar o sentido da experiência vivida pelos “Ocupas” e o impacto em suas trajetórias.

⁵ Luis Antonio Groppo (UNIFAL-MG) é coordenador da Pesquisa “Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: Formação e auto-formação das/dos ocupas como sujeitos políticos”, financiada com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela Chamada Univesal 2018.

Para tanto são analisados os dados obtidos por meio de 15 entrevistas realizadas em 2019 com estudantes que participaram das ocupações em instituições de ensino no Paraná no ano de 2016. Para as análises consideramos o conceito de formação cultural, o qual pressupõe “conexões intrínsecas com a arte, a ética e a cultura” (NICOLAU, 2016, p. 390). A formação cultural, nesse sentido, tem como resultado a formação integral do indivíduo, a qual ocorre não em um momento específico, mas se efetiva processualmente e dá significado à vida. Desse modo entendemos que o processo formativo ocorrido nas ocupações secundaristas criou a oportunidade para o desenvolvimento da consciência sobre o próprio eu e a coletividade.

A caracterização dos entrevistados está apresentada no Quadro 1.

Quadro 1. Caracterização dos entrevistados – Ocupas no Paraná em 2016.

Pseudônimo	Características	Tipo de ocupação	Forma de participação
Ivã	18 anos, homem, branco, heterossexual	Colégio estadual (CE) periférico em pequeno município no Sudoeste	Independente
Frida	18 anos, mulher, branca, lésbica	CE periférico em pequeno município no Sudoeste	Independente
José	19 anos, homem, branco, bissexual.	CE em pequeno município no Sudoeste	Liderança independente
Eliseu	24 anos, homem, pardo, heterossexual	Diversas escolas na capital e pequeno município do Sudoeste	Tarefa militante
Tadeu	20 anos, homem, pardo, orientação sexual não declarada	CE central em pequeno município dos Campos Gerais	Liderança independente
Andréa	20 anos, mulher, parda, heterossexual	CEs em Ponta Grossa	Tarefa militante
Gustavo	20 anos, homem, branco, LGBT	CEs em Ponta Grossa	Tarefa militante
Cláudia	20 anos, mulher, branca, lésbica	CE central em São José dos Pinhais	Liderança independente
Luís	18 anos, homem, não declarou raça e orientação sexual	CE central em São José dos Pinhais	Independente

Pseudônimo	Características	Tipo de ocupação	Forma de participação
Natália	19 anos, mulher, branca, lésbica	CE em São José dos Pinhais	Liderança independente
Antonio	21 anos, homem, branco, heterossexual	CE central em Curitiba	Independente
Cristiane	18 anos, mulher, branca, heterossexual	CE central em Curitiba	Independente
Hermínia	19 anos, mulher, branca, homossexual	CE pequeno município no Primeiro Planalto	Liderança independente
Juliana	21 anos, mulher, branca, bissexual	IF em Paranaguá	Liderança independente
Márcia	21 anos, mulher, parda, heterossexual	IF em Paranaguá	Independente

Fonte: Pesquisa (2019).

Excluído o fator idade, as características dos entrevistados são bastante diversas, tanto em relação ao gênero quanto orientação sexual e também em relação à forma de participação, visto que alguns exerceram funções de liderança no movimento, sem vinculação a entidades estudantis ou partidárias (lideranças independentes), outros participaram depois de iniciada a ocupação (independentes) e outros, ainda, estiveram vinculados a atividades militantes, tanto por meio de filiação a entidades oficiais quanto a juventudes partidárias (tarefa militante). Tal diversidade nos coloca diante de um conjunto de sujeitos que apresentam diferentes percepções sobre as ocupações das escolas. Para o presente texto, as análises têm como foco as atividades formativas realizadas e vividas no interior das escolas e também como essas contribuíram para as trajetórias individuais pós-ocupações.

ATIVIDADES FORMATIVAS NAS OCUPAÇÕES

Durante a ocupação das escolas, os estudantes mostraram capacidade de organização tanto para a instauração da ação coletiva, quanto para sua manutenção e, posteriormente, para o processo de desocupação. As ações implementadas pelos estudantes foram centradas em assembleias, oficinas e aulas temáticas, dentre outras. Tais ações podem ser caracterizadas como verdadeiro processo de formação, de educação e de cultura, no qual os envolvidos puderam planejar, agir, vivenciar e avaliar possibilidades de enfrentamento à realidade social e política daquele momento histórico, visto que possibilitaram o crescimento

interior individual e coletivo, por meio de reflexão sobre os atos praticados e desenvolvimento da autonomia.

[...] isso gerou uma certa autonomia nessas pessoas e esses momentos de lazer eles eram momentos que na minha opinião eram muito provenientes dessa autonomia. Cara, a gente tá aqui, a gente finalizou o nosso trabalho, a gente sabe das nossas responsabilidades, vamos falar do que a gente quiser agora (Antonio).

Os exercícios de reflexão e ação não são descolados da realidade vivida pelos estudantes, de modo que as tarefas empreendidas durante as ocupações não foram meras ações, mas um movimento dialético entre ação – pensamento – ação, com o compromisso de alterar a realidade, inclusive porque a pressão das necessidades cotidianas vividas pelos estudantes delineou as discussões e decisões tomadas.

Ao pensarem a realidade e decidirem pela ocupação, os estudantes demonstraram autonomia de pensamento em relação ao presente e ao futuro, conforme apontado pelos entrevistados:

Nós começamos a ouvir [...] através da mídia e documentários sobre essa ideia que tava rolando sobre a PEC 55, o congelamento de 20 anos na educação e a possível retirada da filosofia e sociologia. A partir dessa ideia, nós começamos a pensar em um grupo de amigos, em torno de 10, 15 amigos, e falamos: Não podemos deixar acontecer isso, porque pode não nos prejudicar na atualidade, mas futuramente provavelmente todos vamos ser pais de família e no futuro vai nos prejudicar mais ainda (Ivã).

[...] foi quando veio a proposta do Escola Sem Partido... a nível estadual, na ALEP⁶. A gente já se mobilizou, fez várias manifestações no final de 2015. [...] então a gente sempre fazia reuniões, primeiramente, com os representantes de turma, pra discutir, aí eles levavam as pautas pras salas, e depois traziam as demandas, ou o que eles identificavam. Mas sempre foi unanimidade, tanto a reforma do ensino médio quanto a PEC 241 (José).

[...] e a gente tava vendo nos noticiários [...] acho que estavam em 60 colégios ocupados, mais ou menos isso. E aí eu fui estudar sobre, eu conversei com as pessoas que estudavam comigo, e aí a gente resolveu que ia ocupar. Demorou acho que uns três dias e a gente conseguiu ocupar [...] a gente pesquisou o que tava acontecendo, leu a MP, leu a PEC, que era a PEC 55 e a MP 746, na época, e aí a gente discorreu sobre o assunto, daí foi conversar com os professores (Hermínia).

[...] questões da juventude mesmo, então, como a ocupação estava entre aspas sendo liderada por uma menina e esse meu amigo é homossexual, então, a ocupação era um contraste muito grande em tudo, então, além do colégio estar sendo ocupado, ele estava sendo ocupado por pessoas que o diretor nem via direito (Andrea).

O início das ocupações foi controverso e marcado por diferentes formas de encaminhamento, mas novamente evidenciou a autonomia dos estudantes, desde as motivações quanto os modos de preparação e de organização interna. De modo geral, após o início das ocupações, os estudantes organizaram as dinâmicas diárias de modo a responsabilizarem-se por diferentes tarefas.

⁶ Assembleia Legislativa do Paraná.

Essa cartilha, a gente não tinha conhecimento, tanto que faz pouco tempo que eu fiquei sabendo dela, mas assim depois que eu fiquei sabendo, que eu a conheci e percebi que a gente usou ela sem conhecer (Frida).

A gente foi adaptando, a gente criou a nossa cartilha, daí a gente tinha uma planilha grandona assim, com todas as atividades que a gente tinha que fazer (Claudia).

Tinha o pessoal que ficava na cozinha, pessoal que ficava na limpeza [...]. Pessoal da comunicação que ficava, tinha que tirar foto, postar [...]. O último era para uma pessoa específico. Uma pessoa ficava o dia inteiro na portaria. Revessava essa pessoa, mas tinha alguém que essa pulseira preta acho que era segurança. Porteiros, seguranças para cuidar de quem entrava e de quem saía (Juliana).

Além da distribuição de tarefas entre os envolvidos, inúmeras atividades foram organizadas, tais como assembleias diárias, aulões, oficinas etc., conforme ilustra o quadro 2. Os relatos trazem dados sobre:

- 1) A forma de organização e preparação das ações – quase todos os relatos das assembleias e reuniões tratam disso; a forma de organizar aulas e oficinas era semelhante, como listas ou agenda, contato com possíveis palestrantes e oficinairos ou organização das atividades oferecidas;
- 2) O conteúdo das ações, destacando-se aí os relatos das oficinas e aulas;
- 3) O que as atividades suscitaram nas pessoas entrevistadas – aprendizado, sentimentos, impactos pessoais.

Quadro 2. Atividades desenvolvidas no interior de escolas ocupadas, segundo entrevistados – Paraná – 2016

Atividades	Declaração dos entrevistados
Assembleia e/ou reuniões	[...] todos os dias a gente se organizava e cantava o hino do colégio, a gente cantava antes das reuniões e aí a gente fazia as reuniões discutia como seria a nossa manhã ali dentro. (Tadeu) [...] muita reunião pra debater o caminho que tava indo as coisas (Cláudia)

Aulas Públicas e/ou Palestras	<p>Então as aulas que eu tive lá foram muito boas, eu tive uma aula de história que até hoje a melhor aula de história que eu tive foi na ocupação [...] ele foi lá dar uma aula sobre governo Vargas, eu acho. E tinha bastante gente, porque nessas aulas a gente chamava a comunidade, não é? Pra participar. [...] tinha muita aula de dança, de ioga, principalmente pessoas voltadas às artes se prontificaram muito a dar aulas lá no CE. (Clara)</p> <p>Eu lembro que teve um pessoal da Unioeste da Geografia que fez sobre os Vikings e questões que a gente não trabalha na escola, mas são temas mais de curiosidade. Também sobre agricultura familiar, teve um Haitiano que foi falar sobre a questão internacional e seus aspectos e lembro que eu também fiz a palestra. A gente também levou uma professora de Inglês. (José)</p> <p>A galera do centro acadêmico de letras rodava os colégios fazendo oficinas de redação, sarau de poesia, os meninos da mecânica, da engenharia mecânica ia pro colégio falar sobre física com a galera, fazer revisão de física, centro acadêmico de química foi pros colégios falar de química orgânica, foram semanas que muitos relatos da galera do colégio era que “pô eu aprendi esses dias na ocupação o que eu não tinha aprendido no período regular.” (Eliseu)</p> <p>A gente tinha uma espécie de anotação de fatos, de pesquisas, de palestras, de professores.(Gustavo)</p>
Oficinas	<p>Oficina de pintura ... (Claudia)</p> <p>Eu nem precisava ir atrás, muitos professores ofereciam oficinas, alunos de PIBID⁷ dava oficinas e atividades pela página que a gente criou no Facebook. (Andréia)</p> <p>Mas teve uma que foi um encontro que a gente fez de movimentos sociais no colégio que vieram faxinalenses, vieram indígenas, vieram benzedeadas conversar com a gente (Caroline)</p> <p>Tinha uma comissão que era responsável por promover oficina [...], teve até oficina de culinária em uma escola, foi uma mulher que é dona de um restaurante que foi em uma escola trocar uma ideia com a galera, ensinar eles a fazer comida. As agendas eram bem diversas. (Eliseu)</p> <p>A gente discutia a maioria penal. Fizemos algumas oficinas para falar sobre Constituição, Direitos fundamentais assim, com a Aline que era advogada. (Juliana)</p>

Fonte: Pesquisa (2019)

⁷ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

É importante destacar que o processo formativo vivenciado pelos estudantes teve duplo significado, quais sejam, “o ideal pedagógico assentado em solo institucional, cultural, e o ideal de autocultivo, não necessariamente atrelado a uma instituição formativa” (NICOLAU, 2016, p. 401). Nesse sentido, os jovens estudantes envidaram esforços para “ocupar” o espaço escolar em toda a sua plenitude, pois ultrapassaram o espaço físico e adentraram no campo cultural, ético e político, contribuindo para a compreensão da realidade e o desvelamento de possibilidades de intervenção para sua transformação.

"O núcleo comum e orientador de todos os esforços pedagógicos está na necessidade de oferecer aos educandos as condições de sair do espaço de proteção familiar – no caso dos jovens –, ou de outra dependência social qualquer – no caso dos adultos –, com a finalidade de permitir-lhes o entrelaçamento amplo na cada vez mais complexa estrutura social da sociedade, conscientizando-os simultaneamente de sua liberdade social e política" (FLICKINGER, 2011, p. 158).

Depreende-se da análise do conjunto das atividades desenvolvidas ao longo das ocupações das escolas, que houve a abertura para a inserção de uma multiplicidade de ações que tanto concorreram para atender a uma dimensão mais instrumental com vistas às provas de Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e dos vestibulares que se aproximavam, portanto com essa face mais “escolar/profissional”, quanto para uma dimensão mais lúdica, ligada às expressões artísticas, como música, dança, ioga e assim por diante. Ao trazer essa dimensão para o campo das vivências no interior do espaço da escola, houve também a abertura para aquilo que forma “o espírito”, inscrevendo-se numa dimensão mais profunda, relacionada às subjetividades dos que estiveram ali, atuando de corpo e alma, atravessados vivamente pela política e pelo devir das utopias.

Muitos dos alunos que realmente queriam ter aula, queriam absorver conhecimento, foram lá e tiveram uma ideia diferente de estudar. Como é estar estudando sem valer nota, como é estar tentando entender alguma coisa, buscar um tipo de conhecimento, trocar uma ideia com o professor sem que isso valha dois pontos, sem que isso valha um visto no caderno, como é o aprender sem codificar isso (Antonio).

Nosso amigo lá dizia que parecia um acampamento do MST⁸. Tava todo mundo lá tocando um violão, daí ia pra palestra, aí voltava, tocava violão, ia pra assembleia, daí voltava, ia pra outro acampamento. [...] A gente conversava bastante também sobre (ênfase) política (Natália).

[...] mas assim, as amizades que eu tive e os ensinamentos, na verdade, tipo, desde a aula de direito, a aula de artes, a vários outros movimentos também, não somente estudantis, que a gente levou lá pra dentro (Luis).

A síntese das entrevistas que realizamos pode se expressar nas passagens a seguir, que situam precisamente o lugar de abertura, expansão das possibilidades de experiência e reflexão, que se construiu no interior das escolas ocupadas:

A mais gratificante foi a revolução interna que fizemos na escola. Isso pra mim foi o mais fantástico. O modo como os professores entenderam o próprio trabalho deles. Como

⁸ Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.

professores, como pessoas que tem um trabalho político. Discutimos política com todos os estudantes... Professores que sempre tiveram a postura de humilhar o estudante, pobre, gordo... - o que tínhamos de gordofobia naquela escola! - e acho que eles pararam pra pensar sobre a própria vida (Gustavo).

Mas eu acho que o que mais pesou positivamente foi essa relação que ficou depois da ocupação, esse diálogo entre a direção [...]. Esse diálogo e essa importância dos estudantes na escola e entender que eles são seres ativos e que podem auxiliar ainda mais nesse processo de construção da escola. Então, acho que o que ficou de positivo foram essas relações mesmo (José).

Nossas reflexões nos levam a pensar sobre a relação entre o processo de formação como constitutivo da experiência e as trajetórias posteriores das e dos Ocupas. Levando em conta aqui que o processo de formação exige uma postura pessoal aberta face a novos argumentos, conforme nos sugere Flickinger (2011), ao destacar que há no interior das práxis educativas uma negligência em vários aspectos, que vão desde uma orientação exclusivamente profissionalizante da formação até o excesso de regras burocráticas. Um exemplo acionado pelo autor:

"Trata-se da crescente perda do que se pode chamar de uma "cultura do conflito", pois as normas do comportamento social, defendidas nas mais variadas áreas do cotidiano, veem-se apresentadas como se não houvesse chance alguma de serem contestadas, muito menos ignoradas. Elas impõem-se simplesmente como exigências inquestionáveis de comportamento" (2011, p.162).

As expressões que encontramos nas entrevistas abarcam essa dimensão ampla de formação, tanto pela possibilidade transgressora representado pelo gesto de "ocupar" as escolas, quanto pelas sociabilidades e cotidianidades ali constituídas nessa imersão viva e ativa na "cultura do conflito", tão fundamental para a autorreflexão desses atores durante aquele processo. O autor assim conclui que "uma verdadeira cultura do conflito depende inteiramente da disposição dos parceiros em aceitar o debate e a fazer dele o espaço de abertura a horizontes temáticos inesperados" (FLICKINGER, 2011, p. 163).

[...] a gente discutia quando algumas coisas estavam fora do adequado. Quando as pessoas não respeitavam os horários, por exemplo, de vigilância... [...] E geralmente a gente conversava sobre o que tava acontecendo, o que a gente podia fazer pra melhorar (Natália).

[...] a gente decidia mais em coletivo, apesar das diferenças de opiniões, a gente conseguia estabelecer o diálogo e esse respeito entre todos (José).

Tinha um 3º ano da manhã que era muito conflituoso, assim, a sala era dividida entre a galera mais progressista por assim dizer e a galera mais conservadora. E esse lado mais conservador era o pessoal que aterrorizava a gente na ocupação. Era o tipo de aluno que ia lá e denunciava professor na ouvidoria porque tava lendo Marx na aula (...) [...]. E eram alunos que incomodavam a gente constantemente dentro da ocupação (Natália).

A abertura para o diálogo, para enfrentar o conflito de opiniões e posições, não é uma atividade fácil de se estabelecer, como podemos constatar aqui pelas múltiplas dimensões, tanto internamente quanto externamente às ocupações. Seguramente, um

exercício intenso para aqueles jovens que enfrentaram seus colegas, professores, pais, autoridades de forma direta, também abrindo-se para pensar em novas temáticas, como o que já fora acentuado sobre questões de gênero, sexualidade e raça.

Externamente as pressões foram fortes e violentas, como os confrontos com o *Movimento Desocupa*, diretores, gestores, polícia e a própria mídia, e nesse contexto as possibilidades de diálogo e respeito às diferenças não se colocava. Não havia praticamente, qualquer possibilidade de diálogo e debate. Desse enfrentamento em todos os níveis, os jovens ocupantes guardam as piores lembranças, dado o impacto que lhes causou, por sua intensidade e violência, deixando marcas internas profundas, na vivência de situações difíceis de assimilar e que os levaram também a vários silenciamentos.

Que teve um conflito, porque a ideia era que só entrassem alunos da ocupação. Mas nesse dia veio o pessoal da universidade técnica para conversar conosco, que a gente abriu espaço, para que eles conversassem. E logo em seguida chegou o diretor com a chefe do Núcleo. Só que ele também deixou ela entrar. E depois... a gente teve um debate ali interno sobre quem deixar entrar. E daí depois a gente chegou à conclusão que ambas as partes, descumpriram o acordo, mas que não teve nenhuma interferência a mais [...] (José).

Mas ali começou alguns verdadeiros atentados, atentados midiáticos... nem se usava o termo de “balbúrdia”, naquela época era vagabundagem... baderneiros... nas mídias locais da cidade, principalmente. A gente tinha que dar entrevista todos os dias. A gente soltava uma frase e a frase era publicada de forma totalmente alterada... a gente teve que não conversar com as mídias ...(...)[...], porque a análise das nossas frases saía totalmente alterada (Gustavo).

A gente teve casos muito sérios lá que... na ocupação jogavam bombas lá dentro do colégio, entendeu? E a gente era ameaçado, e a TV falava mal da gente, entendeu? (Luis).

TRAJETÓRIAS PÓS-OCUPAÇÕES

Ao pensarmos nas trajetórias pós-ocupações daqueles jovens, constatamos que elas foram se construindo de forma variável. Destaca-se o ingresso na Educação Superior: caso de 10 de nossos entrevistados, que, além de ingressarem no curso superior, estão em sua maioria em instituições públicas (8), sejam universidades federais ou em Institutos Federais de Educação. É notável observar também que a escolha dos cursos abrange aqueles das áreas da educação e outras ciências humanas, como podemos observar no quadro 3. Os dois entrevistados que estão em universidades privadas optaram pelos cursos de Direito e Gestão Pública.

Quadro 3. Trajetória e Perspectivas Acadêmica pós-ocupações – Ocupas no Paraná em 2016

Pseudônimo	Percurso Acadêmico	Curso no Ensino Superior
------------	--------------------	--------------------------

Ivã	Concluiu o Ensino Médio, mas ainda não tem perspectivas para ingresso no Ensino Superior.	-
Frida	Ingresso em Instituição de Educação Superior (IES) pública.	Geografia
José	Ingresso em IES pública.	Geografia
Andréia	Ingresso em IES pública.	Geografia
Gustavo	Ingresso em IES pública.	Pedagogia
Tadeu	Ingresso em IES pública.	Geografia
Cláudia	Concluiu o Ensino Médio e tem planos de fazer graduação em curso ainda não definido.	-
Luís	Concluiu o Ensino Médio e ainda está fazendo planos para a Educação Superior.	-
Natália	Ingresso em IES pública.	Ciências Sociais
Hermínia	Ingresso em IES privada	Gestão Pública
Eliseu	Ingresso em IES privada	Direito
Juliana	Ingresso em Instituto Federal. Pretende cursar Psicologia	Ciências Sociais (abandonou)
Márcia	Ingresso em Instituto Federal	Ciências Sociais
André	Concluiu o Ensino Médio	-
Cristiane	Concluiu o Ensino Médio. Faz cursinho e tem o projeto de fazer curso superior de Cinema na Universidade de São Paulo.	-

Fonte: Pesquisa (2019)

Para aqueles que ainda não haviam ingressado no ensino superior, podemos observar que essa aspiração é expressa em quase todos eles, pois estão se preparando para essa nova etapa da formação. Um outro aspecto que não está propriamente expresso no quadro acima, mas que surgiu em várias entrevistas, foi a constatação de que, para muitos estudantes, a possibilidade de entrada numa universidade pública era algo impensável. Era algo que nem se cogitava devido à necessidade de trabalhar para o sustento da família. Por outro lado, muitos dos jovens que participaram nas ocupações e acompanharam as atividades formativas ofertadas, consideraram aquele momento como algo que contribuiu para o ingresso na Universidade, na verdade, para a própria construção de um projeto na educação superior e uma carreira profissional.

Eu acredito que sim também (as práticas formativas), por exemplo, a minha amiga não conhecia Agroecologia antes das Ocupações. Foi o pessoal da Agroecologia que foi lá levar

uns alimentos para a gente fazer uma discussão sobre que tipo de comida a gente estava pondo na nossa mesa. Ela conheceu Agroecologia lá. Então ela se apaixonou e no ano seguinte ela tentou vestibular e passou (Juliana).

O mais gratificante foi que eu quis me tornar professora. Então hoje, eu faço licenciatura, porque a ocupação me mostrou que a educação é a base pra tudo, que a educação é muito forte e precisa de investimentos e valorização, porque nosso país tem tantos problemas porque a educação nunca foi prioridade. A ocupação me mostrou que bons professores formam bons alunos e eu quero ser uma boa professora também (Andrea).

Uma outra questão que nos mobilizou ao longo da pesquisa foi a de saber sobre o lugar que a experiência das ocupações teve em relação ao engajamento político pós-ocupações. Qual seria o lugar da política e a ação política após o vivido? Ao levarmos em conta aquele tempo passado de 2016 – quando ocorreu o acontecimento das ocupações – para 2019, quando realizamos as entrevistas, observamos mudanças: antes das ocupações tínhamos apenas 4 militantes entre nossos entrevistados – 3 que militavam em entidades estudantis (Eliseu, Andréa e Gustavo); e 1 pessoa, Juliana, que participava de coletivo LGBTQTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Transexuais) antes das ocupações. Em 2019 o quadro já havia se alterado, com a ampliação das vivências de participação política: (3) assumiram a militância na juventude partidária União da Juventude Socialista (UJS); (3) em coletivos comunitários; (2) em partido político; (4) se aproximaram de sindicato ou da política local; (1) milita em entidade estudantil; e (2) têm atuação independente. Apenas 1 declarou não ter tido mais atuação política.

Quadro 4. Engajamento Político pós-ocupações - Ocupas no Paraná em 2016.

Pseudônimo	Situação atual
Ivã	Tem participado de coletivo juvenil que tem envolvido a comunidade de seu bairro e a escola que ocupou.
Frida	Engajamento em entidades estudantis municipal e estadual, participou de Congressos da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas e se tornou militante da União da Juventude Socialista (UJS).
José	Participou de gestão do Diretório Central Estudantil (DCE) de sua universidade e do Centro Acadêmico (CA) de seu curso.
Andréia	Não se filiou a nenhum partido ou juventude partidária, apesar de manter contatos com sindicatos e partidos de esquerda.
Gustavo	Não se aproximou de partidos, mas diz manter diálogos com sindicatos, em especial de docentes.
Tadeu	Diz adotar visão política social-democrata. Mantém relações com a política local de seu município natal, mas diz não ter se aproximado de partidos.

Cláudia	Mantém posição independente, atuando em manifestações e atos públicos.
Luís	Decidiu não se aproximar de partido, nem continuar no movimento estudantil, nem mesmo tirar título de eleitor para as eleições de 2018, mas chegou a participar de passeata em sua cidade.
Natália	Preferiu “dar um tempo” em relação à política.
Hermínia	Tornou-se militante da UJS.
Eliseu	Além de continuar a militar na UJS, é filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB).
Juliana	O coletivo LGBTT em que atuava se dissolveu.
Márcia	Filiou-se ao Partido dos Trabalhadores
André	Não deu continuidade à participação política, mas se sente próximo de partidos de esquerda.
Cristiane	Diz que ensaiou aproximação com União da Juventude Comunista (UJC) e das feministas radicais, mas que não faria mais isso hoje

Fonte: Pesquisa (2019)

É interessante notar que para alguns “Ocupas” o engajamento foi se construindo mais diretamente vinculado às entidades de representação estudantil, como o caso da Andrea, que conta em sua trajetória como foi a entrada na União Municipal dos Estudantes Secundaristas, o que a levou a participar, em 2015, em Brasília, do Congresso da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas: “Isso contribui muito pra minha formação política, porque em Ponta Grossa a gente tem uma maneira de trabalhar no movimento estudantil, mas os estudantes de grande metrópoles, como o Rio de Janeiro e São Paulo, os estudantes eles são muito mais organizados e eles ensinam muito a gente” (Andrea).

Temos assim um quadro de maior engajamento político das e dos “Ocupas”, conferindo um sentido estabelecido com relação ao lugar e espaço da política em suas vidas cotidianas. Observamos que foram se construindo formas diversas de participação política, desde instituições estudantis, partidos políticos, sindicatos e grupos feministas e LGBTT. As formas de participação conformam um leque que vai de um grau maior de compromisso e formalização, até formas mais tênues, na condição de simpatizantes com a agenda e causas de grupos de esquerda, mas sem ter necessariamente um compromisso instituído. Estas formas de atuação política que não passam pelo engajamento formal, ou que passam por inserções de menor organicidade em coletivos ou em protesto pontuais, indicam outros modos de atuação política que têm atraído cada vez mais os sujeitos jovens na contemporaneidade: os jovens buscam, por um lado, sentir-se pessoalmente considerados na

atividade política, já que ela deve ser também um lugar de expressão individual; por outro, buscaram resultados imediatos e palpáveis para esta participação pessoal – para ambas as motivações, as instituições políticas mais tradicionais têm demonstrado grande limitação (CASTRO; MATTO, 2009; MÜXEL, 1997).

É possível pensar, de toda forma, que elas e eles foram afetados pela política, em consonância com a dimensão tratada por Rancière (1996) a respeito da constituição da subjetividade política – formada e conformada no interior do movimento das ocupações. Antonio revela questões importantes a esse respeito:

O último discurso que a gente fez foi sobre a importância da participação do jovem na política. A gente conseguiu simplesmente reconhecer com uma atividade que durou duas semanas que o jovem não tem voz nenhuma, em lugar nenhum, ele é escrachado, ele é ignorado, ele não tem presença. Se tem uma palavra que define de forma sucinta qual que foi a nossa conclusão da ocupação foi a abertura pro diálogo. Pra tudo e pra todos (Antonio).

A gente não chegou onde queria chegar, mas a gente contribuiu pra isso e a gente espera que, um dia, outros jovens, talvez inspirados nessa ideia, também consigam obter voz, obter espaço, obter fala, independência, enfim, e tudo que eles merecem por direito natural (Antonio).

Para Rancière (1996), o verdadeiro momento da política acontece quando pessoas tidas como externas ou incapazes de atuar no mundo público fazem valer sua voz e sua ação, instauram um espaço e um momento – ainda que transitórios – de verificação da igualdade entre todas as pessoas. As entrevistas reafirmam esse posicionamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento das ocupações estudantis de 2016 no Brasil colocou em primeiro plano os jovens estudantes como atores políticos. Dentro de um ciclo mais abrangente, que teve início nas Jornadas de Julho de 2013 sob a iniciativa do Movimento Passe Livre, com uma demanda estudantil, passando pelo Movimento das Ocupações Estudantis em São Paulo em 2015 e pelo movimento nacional de 2016, o processo de ocupação das escolas marcou profundamente a trajetória dos jovens “Ocupas”.

Nesse artigo procuramos destacar alguns aspectos que se vinculam diretamente com a perspectiva de Fayet Sallas e Meucci (2021), que nos lembram da dimensão pedagógica dos movimentos sociais, dialogando com Paulo Freire e Miguel Arroyo, destacando o papel dos aprendizados e das práticas formativas que se constroem no interior das ações coletivas.

Foram dias e noites de embates vivos e intensos que mobilizaram toda a energia daqueles jovens, vivendo o que foi mencionado como sendo “o melhor momento de suas vidas”, que lhes permitiu viver essa “revolução interior” que colocava em cheque as ideias que tinham em relação à escola, à educação e sobre o lugar que ocupavam na sociedade. Um

processo também de maior valorização de algumas disciplinas, como a sociologia, filosofia e história, que implicou para a maioria de nossos entrevistados na opção de seguimento de sua formação nas áreas de humanas e da educação.

A ocupação reafirmou aquilo que eu tinha pensado quando conheci a professora (...) [...], que era possível ser professor, que a juventude tinha que ocupar o cargo de professor na educação pública, na educação básica. Eu acho que a ocupação efervesceu esse sentimento de colaborar na construção de sujeitos politizados (Gustavo).

Também deu corpo à percepção do lugar da ação política e da militância que, para muitos, revelou-se uma descoberta e um comprometimento maior com a realidade social brasileira, em que injustiças como a desigualdade, o racismo, sexismo e homofobia foram diretamente questionadas – “à flor da pele” – no cotidiano mesmo da ocupação, pela construção de diálogos e reflexões face-a-face com seus colegas no interior das escolas ocupadas.

Cara, eu antes da ocupação eu era aquele tipo de pessoa, militudo de facebook, [...] não tinha noção do que é você ter a verdadeira empatia pelas coisas [...] na ocupação a gente teve muito contato com pessoas de baixa renda, com pessoas negras, pessoas à margem da sociedade, porque elas estavam ali com a gente também, lutando. Então me transformou muito, no sentido de olhar mais para o outro (Claudia).

Fayet Sallas e Meucci (2021), novamente, destacam a importância destas experiências, quando “Ocupas” defrontaram-se com outras perspectivas ligadas às questões de gênero, raça e orientação sexual, bem como tratam das marcas que ficaram para muitos daquele movimento. As ocupações marcaram profundamente os estudantes, como sintetiza Juliana: “o que a gente viveu ali dentro a gente não vai esquecer”; “são cicatrizes que a gente vai levar para o resto da vida”.

Referências

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

BOUTIN, A. C. B. D.; FLACH, S.F. Contribuições para o debate sobre as práticas educativas nas ocupações de escolas públicas. **Movimento - Revista de Educação**, v. 6, n.10, p. 195-218, 2019.

CASTRO, Lúcia Rabello de; MATTOS, Amans Rocha. O que é que a política tem a ver com a transformação de si? Considerações sobre a ação política a partir da juventude. **Análise Social**. v. XLIV, n.193, p. 793-823, 2009.

FAYET SALLAS, A. L.; MEUCCI, S. “O melhor medo da minha vida” – emoções nas ocupações estudantis. **Linhas Críticas**, n. 27, p. 1-19, 2021. <https://doi.org/10.26512/lc27202136528>.

FLICKINGER, H. G. Herança e futuro do conceito de formação (Bildung). **Educ. Soc.**, v. 32, n. 144, p. 151-167, 2011.

GROPPO, Luís A.; SILVEIRA, Isabella B. Juventude, classe social e política: reflexões teóricas inspiradas pelo movimento das ocupações estudantis no Brasil. **ARGUMENTUM**, v.12, p. 7-21, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/30125>.

MELLUCCI, A. **A Invenção do Presente – movimentos sociais nas sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MÜXEL, Anne. Jovens dos anos noventa: à procura de uma política sem “rótulos”. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5-6, p. 151-166, 1997.

NICOLAU, M. F. A. Formação, educação e cultura: reflexões sobre o ideal de formação cultural [bildung] na elaboração do sistema educacional alemão. **Conjectura: filos. Educ.**, v. 21, n.20, p. 385-405, 2016.

RANCIÈRE, J. **O desentendimento: política e filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1996.

REGUILLO, R. **Culturas Juveniles – Formas políticas del desencanto**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013.

Recebido em 28 de janeiro de 2021.
Aprovado em 05 de agosto de 2021.